

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SEMINÁRIOS DE ESTUDOS EM EPISTEMOLOGIA E DIDÁTICA
(SEED – PEUSP)
SUPERVISÃO: NÍLSON JOSÉ MACHADO

**MERLEAU-PONTY:
FENOMENOLOGIA E PERCEPÇÃO**

Maria Alice de Castro Rocha

Sumário

Introdução;

- 1. Alguns Pontos da Fenomenologia de Husserl;**
- 2. Percepção: um caminhar de Merleau-Ponty da Visão Clássica à Gestalt;**
- 3. Corpo: Como Sede da Percepção;**
- 4. Corpo Próprio e sua Relação Existencial com o Mundo.**
- 5. A Percepção e o Conhecimento.**

São Paulo

setembro – 2005

MERLEAU-PONTY:

FENOMENOLOGIA E PERCEPÇÃO

Maria Alice de Castro Rocha

Introdução

Maurice Merleau-Ponty nasceu na França em 1906 e faleceu em 1961. Foi professor da Sorbone, tendo ocupado a cadeira de Pedagogia e Psicologia Infantil, posteriormente assumida por Jean Piaget. Criticou o trabalho de Piaget, sobretudo por considerar que este não deu o devido valor à linguagem como intermediando a relação com o mundo e a construção do conhecimento.

Seu primeiro livro, constituindo sua tese de doutorado, foi *Estrutura do Comportamento*, mas foi seu segundo livro que lhe deu o tornou mais conhecido: *Fenomenologia da Percepção*.

O grande ponto norteador de toda a sua obra foi a compreensão da Percepção, embora tenha se voltado também, como destaca Anchieta no prefácio de *Estrutura do Comportamento* à edição brasileira: à Política, às Ciências e às artes de seu tempo, a pensadores importantes assim como a problemas ligados ao colonialismo, à Indochina, à Argélia, à Revolução Russa e ao stalinismo. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 16)

A *Estrutura do comportamento*, a nosso ver, não só é o primeiro livro de Merleau-Ponty como inaugura sua forma de pensar não só em relação ao comportamento, mas sobretudo quanto à percepção que aí já se destaca. Esta percepção que aí começa a se esboçar, vai ser desnudada em várias obras que se seguem até seu último trabalho, deixado incompleto: *O Visível e o Invisível*.

A *Estrutura do Comportamento*, como coloca José de Anchieta Corrêa, é um trabalho difícil de ser lido. A nosso ver isto se deve à sua preocupação em ir aos poucos desvelando como o comportamento e a percepção se dão, não de uma maneira imposta e nem mesmo desprezando as construções teóricas já feita por outros estudiosos.

Sua compreensão exige que antes de mais nada se leia a sua obra como um todo procurando entender seu caminhar e o sentido que vai atribuindo ao comportamento e à percepção, mas de uma forma quase que intuitiva para depois se voltar a ela com mais cuidado, que permita separar suas idéias das dos demais.

A nosso ver isto se deve a dois aspectos: primeiro o respeito e a fidelidade que procura ter diante das teorias que descortina e segundo pela própria forma fenomenológica, da qual iremos falar mais adiante, que procura empreender sínteses cada vez mais puras.

Uma leitura primeira apreçada e interpretativa muitas vezes confunde o leitor porque parece que o próprio Merleau-Ponty se confunde ao pensar sobre outras posturas, não no sentido de falta de precisão, mas ao contrário porque procura ir a fundo no pensar de cada delas. Funde-se primeiro com a visão destacada para depois de lá sair por meio de novos confrontos.

É um trabalho cuidadoso de exegese, que se debruça no pensar de cada visão destacada, quase se mesclando com cada uma, procura apreender sua inteireza, chegando a uma síntese que irá ser depois confrontada com outros pensares, sobre os quais se debruça da mesma forma, onde se originam novas sínteses. Há nesta obra movimentos diversos de fechamento sobre cada dado estudado e aberturas para novas apreensões.

Nas obras que se seguem a leitura parece que se torna mais agradável, numa forma de se colocar mais poética, mas que também segue este caminhar em sínteses e aberturas, num movimento fenomenológico. A cada vez que as lemos parece que novos significados se mostram.

Mas, para nós, a *Estrutura do Comportamento*, é essencial como ponto que mostra de onde parte seu pensar que vai em busca da compreensão do mundo físico, de nossa constituição anatômica e funcional, para daí sair não com uma negação desta, mas com uma compreensão maior que as subsumem. Seu pensar não é, portanto, uma elaboração poética que surja de uma construção desvinculada do real ou das Ciências, mas ao contrário busca o tempo todo respeitá-los e com estes dialogar.

Inicia um caminhar por meio do desvelamento de visões empiristas, associacionistas, behavioristas, gestaltistas e de Goldstein, vai buscar exemplos na Neurologia de casos

patológicos e os confronta com a maneira cotidiana do homem que não sofreu nenhuma lesão de se dirigir ao mundo e nele agir. Mente, corpo e mundo estão sempre presentes nesta aventura de uma fenomenologia da percepção.

Merleau-Ponty (1971) em Fenomenologia da Percepção, dirá em sua introdução que parece estranho ainda falar de Fenomenologia após meio século decorrido das discussões sobre o trabalho de Husserl. Aí empreende uma rápida consideração sobre a obra de Husserl, onde pode se notar seu grande respeito ao mestre que irá influenciar suas obras, ou melhor notar que suas raízes se entrelaçam com as de Husserl e que delas parte para um vôo próprio de novas apreensões.

Aqui não se tem a pretensão de sintetizar o pensar sobre a percepção e a fenomenologia em Merleau-Ponty, porque isto exigiria uma simplificação que não nos deixaria à vontade, diante da riqueza da obra deste pensador. Alguns pontos serão por nós destacados como um convite a novas descobertas pelo próprio leitor, não sei se conseguiremos tal empreitada, de qualquer forma gostaríamos de lançar pontos a serem visitados.

Primeiramente, iremos destacar alguns princípios da Fenomenologia de Husserl que serviram de base para o trabalho de Merleau-Ponty. Por três motivos: primeiro porque ele próprio cita este mestre como significativo para a Fenomenologia, segundo porque sua obra está enraizada na Fenomenologia e terceiro talvez o ponto contundente do qual não podemos escapar: o tema proposto o exige. Tem-se aqui o objetivo de convidar o leitor a se enraizar em alguns princípios da Fenomenologia.

Depois, procuraremos mostrar como a idéia de percepção, vai sendo compreendida e esmiuçada por Merleau-Ponty: da Visão Clássica à Gestalt.

Em seguida nos determos sobre a compreensão do próprio corpo e de que maneira ela está presente na apreensão da percepção e como a forma vai se configurando na relação dialética¹ entre: corpo e mundo, movimento e tempo, ação e configuração, fonte e figura, movimento e inteligência, fala e linguagem, espaço e tempo, para si e em si, eu e o outro.

Finalmente procuraremos fazer uma reflexão final sobre percepção e o conhecimento, onde o corpo é sempre enfatizado em sua ação em direção a.

1. Alguns Pontos da Fenomenologia de Husserl.

Como já o dissemos Husserl é destacado pelo próprio Merleau-Ponty como fundamental para a compreensão da Fenomenologia. Paul Ricoeur irá dizer que Husserl não é o único fenomenólogo, mas é seu principal representante.

Husserl (1962) destaca no prefácio à Edição Inglesa de Idéias, que busca uma nova Ciência, cujo caminho começou a ser preparado por Descartes. Uma Ciência que trata de um novo campo de experiência: a subjetividade transcendental.

Há uma preocupação com a 'redução fenomenológica' e com uma nova compreensão do tratamento da experiência empírica. Que não é negada, mas que passa a ser compreendida de uma maneira diferente do que faz o empirismo e o associacionismo e mesmo o positivismo.

Os objetos externos não devem ser vistos como tendo o poder de exercer uma impressão linear sobre a mente, onde dados seriam associados. Por outro lado, não há a crença numa capacidade intelectual que por si só desvele a verdade além do mundo externo.

Há, ao contrário, uma valorização e uma revisão da experiência imediata em relação ao mundo exterior e ao próprio exercício desse direcionamento do pensar e do objeto do pensamento.

A obra de Husserl tem o propósito principal de ser um método de conhecimento, tem como um dos títulos de sua obra: A Fenomenologia como Ciência do Rigor.

Assim como o positivismo, visa ser o mais rigoroso possível para se chegar a desnudar o objeto do conhecimento. Destaca, entretanto, que só é possível atingirmos a objetividade por meio da subjetividade. Irá se debruçar sobre as relações: homem – mundo; subjetivo - objetivo e sobretudo noésis – noema; e mais para o final de sua obra sobre corpo e mente (incorporados no próprio corpo) e homem – mundo (sintetizados no mundo vida)

¹ Dialética para Merleau-Ponty (1971b) não se refere à idéia de uma ação recíproca, nem de solidariedade entre os contrários e sua ultrapassagem, no desenvolvimento em que um ultrapassa o outro, ou o quantitativo dando origem a uma nova ordem qualitativa, estas são apenas conseqüências. Esta se esclarece quando se toma em sua existência na nossa experiência diante do mundo, que engloba o sujeito, o ser e os outros sujeitos. O pensamento dialético admite relações recíprocas e interações abertas que abrangem várias possibilidades na multiplicidade do Ser.

É, para ele, só o sujeito que pode se dirigir ao mundo e conhecê-lo, não se pode, portanto, buscar ser rigoroso negando esta correlação. Precisa ser apreendida de forma a que seja possível tratá-la de uma forma científica para que se chegue ao rigor.

O mundo está lá e o sujeito a ele se dirige para apreendê-lo, esta apreensão está ligada à coisa que lá está, mas também à forma como a ela o ser se dirige. Podemos dizer que este direcionamento aos objetos tanto do mundo físico, como o das idéias ou do próprio movimento para os objetos, é próprio do ser humano e não pode ser desprezado na Fenomenologia.

Este direcionamento é o que a Fenomenologia denomina como intencionalidade. Termo este que advém de Brentano um dos mestres de Husserl, mas que possuía mais a preocupação com a Psicologia, enquanto que este se volta para a epistemologia.

A intencionalidade, é a nosso ver um dos pontos mais marcantes do movimento fenomenológico. Esta tem na Fenomenologia um sentido particular, diferente do usado pelo senso comum como a intenção, é considerada como consciência de. Não se refere à intenção racional de se fazer algo, mas à consciência em seu movimento de direção a um objeto, não só do mundo físico, como dissemos acima.

É próprio da consciência estar em direção a, e isto não pode ser negado, por isso deve ser compreendido e estudado. Esta relação é para a Fenomenologia imprescindível porque é ela que possibilita o conhecimento. Há maneiras diferentes deste direcionamento, que irão gerar apreensões também diferentes. O objeto que lá está é importante, mas a maneira de nos direcionarmos a ele também o é.

Como não há outra maneira de acesso ao conhecimento, para Husserl não se pode criar estratégias externas a esta ação, como o faz o Positivismo, para se garanta um conhecimento seguro.

A consciência tratada pela Fenomenologia não é o oposto do inconsciente, mas é o direcionamento, ação que abarca toda a procura. Não abrange só o reflexivo, mas o pré-reflexivo.

Não há na Fenomenologia a preocupação com controle de variáveis, pois toda apreensão se dá desta forma intencional e não linear e/ou causal.

Husserl tem, sobretudo, no começo de seu trabalho um compromisso com uma Ciência Básica e Rigorosa, e esta estaria, para ele, no mundo das idéias. Aqui parece que existe uma aproximação à Platão, mas Husserl destaca sempre a troca com o objeto ao qual se direciona o conhecimento.

Chega mesmo a pensar em regiões de conhecimento, ao qual cada apreensão seria mais pertinente. Esta preocupação com o rigor o acompanhará sempre, mas sofrendo alterações, deixando esta procura por regiões de conhecimentos assim como uma preocupação sua original de se chegar a uma estrutura comum de uma linguagem universal. Pois cada vez mais este vai se aproximando de um corpo próprio (que ultrapassa a separação entre corpo e mente de Descartes) e mundo vida, fluído que se dá em meio ao espaço e ao tempo, que será retomado, sobretudo por Heidegger.

Mas a intencionalidade sempre acompanhará seu pensamento. Ao se olhar para uma árvore florida posso apreender esta dada árvore em flor, com a sua floração, etc... Esta intencionalidade pode se dar em vários níveis atingindo tipos de conhecimentos diversos, podendo ser categorial ou não. Esta intencionalidade abrange todas as maneiras de direcionamento, como a vontade, a paixão, o desejo, o amor, o ódio ...

O primeiro 'dado' é a presencialidade *daquela* macieira em flor agradável à vista, mas a análise encontra outras presencialidades, como a macieira enquanto árvore, a floração, o agrado, etc. Quer dizer que na intuição concorrem factos e essências, sendo factos *aquela* macieira e *aquela* agrado, isto o que é mutável, e sendo essências a macieira, a floração, o agrado, isto é, o estável e que contém a possibilidade de se dizerem de múltiplos objectos. Estas essências na terminologia de Husserl, essências eidéticas materiais, reportam-se a certas regiões, mais ou menos vastas do mundo empírico, mas estão, por assim dizer, próximas dos 'dados' concretos da experiência. A floração, por ser uma denominação potencialmente aplicável a incontáveis plantas em flor, é como que contígua ao 'dado' de *aquela* macieira em flor. Acima destas essências, porém, a análise encontra ainda as 'essências eidéticas formais', as quais, no exemplo, estabelecem a correlação da floração daquela macieira com as puras formas: objecto, realidade, afirmação, indubitabilidade, agrado, etc. (CARVALHO, 1965, P. LV)

Outro aspecto que convém destacar que é ponto integrante da Fenomenologia é a "redução fenomenológica". Há o movimento da intencionalidade que capta o que é buscado, dependendo também sempre do que é dado. A partir daí há a necessidade de se colocar no mundo das idéias o que foi vivenciado entre parênteses para que se capte sua essência.

Nessa colocação entre parênteses deve se procurar afastar tudo que não se refere ao que se procura e ao que é encontrado, todas as idéias pré-concebidas, teorias explicativas, etc... São sínteses ideativas que vão se dando em busca de um preenchimento cada vez mais adequado.

Aqui a intuição tem um grande peso porque é esta que irá dar a certeza absoluta do preenchimento num dado momento, dependendo do que se busca, e como e do que se tem naquele espaço e tempo. Não é a intuição unicamente perceptiva, mas é um insight que se dá em todos os níveis de conhecimento, que o diferencia do pensamento que tem a certeza depositada unicamente no exercício dedutivo e analítico.

A Fenomenologia procura se debruçar sobre o que se dá num movimento imediato, por meio de sínteses sucessivas, procurando afastar tudo o que não pertence àquela apreensão.

Neste movimento de separação do que foi vivido no imediato, por meio de reduções fenomenológicas, o que se mostra como básica é a relação noesis – noema.

Isto é, o movimento subjetivo de busca de apreensão e o que se apreende por meio deste, o objeto do conhecimento. Da troca do sujeito com o mundo e com qualquer objeto de conhecimento advém o noema, que só pode advir do noesis que se dirige ao objeto do conhecimento.

A noesis é o movimento em direção ao apreendido e o noema é o apreendido.

"(...) a consciência, sendo intencionalidade e noesis, contém a referência a noemas, isto é, os actos de consciência cognoscente apresentam-se postos perante objectos percebidos ou entendidos, que lhe são correlatos. (CARVALHO, 1965)

A Fenomenologia lida com a redução eidética que ultrapassa a experiência. Esta é dada no tempo e no espaço, de uma maneira contingente e accidental. Já a redução eidética apresenta uma correlação com a necessidade essencial, dotada de uma universalidade. (HUSSERL, 1962, p. 47) Esta é conseguida em meio a um exercício da imaginação que permite que a redução eidética chegue ao invariável necessário.

Para Husserl (1962, p. 48) uma intuição empírica ou individual pode ser transformada num insight essencial (ideação), como uma possibilidade não empírica, mas essencial, que corresponde à essência pura ou eidos.

A essência (eidos) é um objeto de um tipo diferente, mas é um objeto que se relaciona ao insight essencial ou intenção universal. (HUSSERL, 1962, P. 49)

Dessa forma qualquer conhecimento, qualquer intencionalidade se dirige a um objeto.

Husserl (1962, p. 55-7) apresenta a diferença entre as ciências dos fatos e as Ciências das Essências ou Eidéticas. Dá como exemplo das últimas: a Lógica Pura, a Matemática Pura; a teoria pura do tempo e do espaço, e do movimento. Diante destas destaca um episódio que abrange a Geometria: um professor ao desenhar um triângulo na lousa está se referindo ao mundo da imaginação (fancy) e não ao mundo da realidade. O cientista que estuda a Geometria não se volta para a realidade, mas para as possibilidades ideais, não para relações reais, mas para relações essenciais. O ato, portanto, que leva a estes conteúdos é o insight essencial e não a experiência.

Defende, ao mesmo tempo, que nenhuma Ciência Factual pode existir desvinculada do conhecimento eidético, isto é de uma Ciência Eidética material ou formal. Há essências ligadas a outras essências, como por exemplo o conceito de triângulo está ligado à forma espacial, como a essência de vermelho à qualidade sensória. Sempre frutos dessas apreensões eidéticas, de insight das essências, e nunca frutos de construções mentais. (HUSSERL, 1962, p. 81-2)

A intuição é a base da autoridade do Conhecimento. (HUSSERL, 1962, p. 83) Esta capta o que está ao redor do sujeito com níveis de clareza diferentes, dependendo da atenção que se dá à determinada experiência, mas na vivência empírica esta só se dá parcialmente e geralmente de maneira imperfeita. (HUSSERL, 1962, p. 91-92)

Husserl preocupa-se com a redução fenomenológica, procurando chegar à essência das coisas, ao fenômenos, ultrapassando a apreensão psicológica.

Destaca o "eu" como possuindo uma consciência transcendental, mas cooperando de outros "eus" que também partilham dessa possibilidade. Husserl (1962) destaca a existência de uma sociedade de "ourselves" (nós mesmos).

A intersubjetividade vem ultrapassar o solipsismo e aumentar o nível de certeza da subjetividade.

Em Husserl a intersubjetividade só é possível pela crença na existência de um mundo comum sobre o qual se dá a comunicação e também pela qualidade partilhada da intencionalidade, das idéias, das reduções eidéticas....

Husserl (1986) traz a idéia de corpo para mostrar a apreensão do mundo natural, por exemplo da percepção do som, enfatizando que o surdo não pode apreendê-lo por uma explicação teórica.

Ricoeur (1967, p. 60) diz que ao referir-se ao corpo próprio Husserl está se antecipando aos autores franceses, embora enfatize que não tem a pretensão como aqueles de que este termo diferencie este do corpo advindo do conhecimento objetivo, científico ou biológico.

Ricoeur (1967, p. 61) destaca que para este pensador a análise começa no nível do corpo próprio e é completado no nível do corpo objeto quando a intersubjetividade entra em cena.

2. Percepção: um caminhar de Merleau-Ponty da Visão Clássica à Gestalt.

Merleau-Ponty terá como raiz de seu trabalho a Fenomenologia.

Um de seus pontos primordiais no estudo da Percepção é o uso da própria metodologia descrita por Husserl. Volta-se para a experiência para compreendê-la, procurando inquirir os dados coletados em variações múltiplas, colocando-os entre parênteses de forma a não usar nada que não se refira ao apreendido. Busca comparar os dados, uni-los, separá-los de forma a chegar a sentidos que vão se configurando.

Coloca em evidência para serem estudadas teorias que estudam o comportamento e a percepção. A percepção, trazida como importante por Husserl, é por ele destacada para ser estudada e é tida como o ancoradouro do conhecimento.

A intencionalidade é o movimento que perpassa todo o seu trabalho e a todo tempo é confirmada no diálogo empreendido com várias obras. Começa destacando a Filosofia Clássica mostrando que não é possível se ter acesso a um mundo, onde haja de um lado a força causal, linear inexorável forjada por sensações advindas do mundo externo que se imprimem na mente sob a forma de idéias e de outro lado uma ação desvinculada do externo. Dá-se, então, uma operação associativa mental sobre estas idéias.

Estas associações são explicadas pela Filosofia Empirista, Associacionista como se dando pela contigüidade e pelo significado, mas permanecem incompreensíveis diante de seus próprios princípios e explicações. Pois não fica claro o porquê dessas aproximações e, sobretudo de onde advém o significado. Qual o maior, ou então único responsável, o mundo externo ou interno. (Rocha, 1983).

Destaca-se aqui a apreensão de um fosso entre o mundo externo e o interno. O mundo com sua ação inexorável e pontual sobre o indivíduo, extremamente valorizado pelo empirismo, de repente se desnuda como incompreensível.

Mostra-se aqui a separação mundo e homem, em sua constituição, que é negada pela Fenomenologia. A relação noesis e noema em sua correlação com mundo é ignorada pelo empirismo.

Acrescenta, ainda, que criam-se, para explicar a percepção do mundo, outros artificialismos como: o julgamento e a memória.

Irá mostrar que não se pode crer numa percepção que se dê por dados intervenientes externos a esta apreensão, onde não se pode compreender a relação de busca e encontro, mas ao contrário dois mundos separados: o mundo externo imprimindo sensações e o mundo externo organizando-o de uma forma arbitrária.

No diálogo com estas teorias e com a apreensão de mundo pelo homem, desvela a memória. De uma forma diferente de ver da Filosofia Clássica, como uma forma de ação que se dá também em direção ao mundo (intencionalidade). Friza, entretanto, que a memória em sua apreensão se diferencia da percepção, embora possa dela participar. Não se dá uma intromissão da memória na percepção. Pois a memória não é um conjunto de dados fixados na mente, não é uma somatória de "agoras".

Mas o homem é, em meio ao tempo e assim se dirige ao mundo. Não sofre uma ação para depois organizá-la a seguir. Mas é sempre um movimento e um encontro dentro de uma significação possível apreendida.

Quando vejo, por exemplo, um gato numa mancha ou leio uma palavra no lugar de outra, não o faço, segundo Merleau-Ponty, porque lá coloquei o que não estava, mas sim porque naquele momento aquele foi o sentido encontrado nesta ação.

Lembrando-nos da criança que começa a aprender a ler e troca uma palavra por um sinônimo, ela já não está presa à decodificação, mas começa a apreender sentidos. Ela

não errou, como muitos apontam, mas pelo contrário entregou-se ao desvelamento do texto. Outras vezes troca-se um sentido por outro se omitindo uma letra ou acrescentando-se outra, por exemplo. O que ocorre é que no contexto em que o texto vai se constituindo a troca torna-se mais pertinente ao leitor.

Para Merleau-Ponty, não há nem a intromissão, como uma colagem inadvertida, de algo guardado na memória e nem uma força exterior do inconsciente. Mas a memória se entrelaça com o presente. O homem se constitui a partir de seu nascimento e vai se modificando com base no passado, que sempre é retomado e reorganizado.

Há a possibilidade da ilusão só porque há o aceno à desilusão, do contrário aquele não seria compreendido.

A percepção pode sim se dar de uma forma mais clara ou não, sendo ou não enganosa. É no ato intencional que isto se verifica. No caso da troca da letra, esta pode descortinar um sentido totalmente diferente do texto em sua origem, pode ter se surgido no ato da compreensão do texto um sentido que se mostrou naquele momento mais coerente diante do que a pessoa procurava ou ainda mais coerente com o todo que ela foi constituindo durante a leitura. Neste caso a troca da letra gerou um equívoco quanto ao texto diferente do caso do menino que usou um sinônimo na leitura oral. Mas o princípio é semelhante a apreensão de um sentido, uma operação da qual participam o sujeito e o texto dado.

Merleau-Ponty destaca, entretanto que isto por si só não pode invalidar o ato de percepção, como se ele dependesse de ações que lhe tirariam qualquer possibilidade de certeza. Caso eu tenha cometido este erro posso voltar depois a ele e notar que me enganei e até rir de minha confusão. O que me dará esta possibilidade de apreensão do erro pode ser o restante do texto, uma volta a este num outro momento ou a troca de idéias com um amigo.

As coisas, os textos, estão lá, dados, têm uma potencialidade própria de se mostrar, nela é preciso que se creia, não como algo que possa ser desvelado em seu "em si", mas naquilo que podemos apreender.

Não há uma ação interna que tenha o poder de elaborar coisas, unindo-as, separando-as, de uma forma isolada. O mundo participa desta apreensão. Também não há uma ação inexorável deste mundo sobre os sentidos. Há sim, o meu ser que participa desta busca e do encontro com este mundo que tem uma forma própria de existir e que pode ser desvelado. Há um entrelaçamento constante entre o dado e o possível que vai se realizando.

O homem é um ser em situação, que vive no espaço e no tempo e neste apreende o que se lhe apresenta. O fato de se enganar não significa que ele deva construir algo que lá não está, lançar mão de um mecanismo que o isola do mundo e lhe garanta a certeza. Isto não é possível para a Fenomenologia, pois o objeto é apreendido apenas pelo objetivo e não de uma forma passiva, mas operatório.

Para se contrapor ao empirismo ou ao intelectualismo como escolas que não esclarecem a relação com o mundo lança mão da Gestalt que vem trazer o insight da forma. Esta vem mostrar como é enganosa a suposição de composição da uma percepção como resultantes de sensações oferecidas pelas coisas isoladamente, assim como uma explicação intelectual isolada do ato, da qual se possa lançar mão para justificá-la, devido a sua inadequação.

Dá vários exemplos, tomados de Gestalt, para mostrar como mesmo no animal não é possível a explicação de apreensões de qualidades isoladas. Dentre estes consideramos significativo o exemplo da realizado por Koffka com galinhas. (ROCHA, 1983). Galinhas condicionadas a escolher entre dois tons de cinza, onde o mais forte é reforçado pelo ganho de milho, passam com a introdução de um tom de cinza mais forte a escolher este não o tom de cinza médio (no qual recebiam o milho, anteriormente, quando bicado). Neste caso não houve o condicionamento em relação a um local dado, nem a uma cor absoluta. Elas responderam sim a uma correlação entre cores: o que deveria ser escolhido era a cor mais forte.

Cita também a ilusão de Müller Lyer, onde é captado uma apreensão do todo em relação e não o comprimento em si de cada linha. Isto não é visto como um erro, por Merleau-Ponty (1977, p.12), mas como a maneira da percepção ser obtida. Há sempre um movimento de apreensão em meio a relações que se estabelecem, não interpretações racionais que se intrometem, e nem a apreensão do comprimento em si por meio de somatória de pontos dados, que se imprimem na mente.

Destaca a Gestalt como tendo um grande valor neste estudo e compreensão do mundo como não se dando de forma pontual, mas numa organização, numa forma que ultrapassa a somatória de pontos. E é a esta apreensão que Merleau-Ponty irá se voltar.

3. Corpo: Como Sede da Percepção.

A Gestalt traz uma nova visão muito mais compatível com a percepção do que havia até então. Concorde com esta Escola, isto é que só é possível que percebamos dentro de uma relação entre figura e fundo, que é esta a única maneira como se apreende o "ao redor". Aqui, pode-se retomar o exemplo acima do erro na leitura do texto: havia um fundo pré-dado pelo escritor, que precisa para ter sentido para alguém além do escritor, ser apreendido por um leitor. O leitor dirige-se ao texto e vai buscando apreender um sentido e de repente uma palavra é transformada para o todo pressentido não se esfacele.

Mas não aceita esta organização como sendo determinada por leis a priori, numa separação ainda entre o dado e o vivido. Vai, então em busca da compreensão do sentido da eleição de fundos e figuras, que se entrelaçam e se alteram. Este jogo, do qual o homem participa, é que irá colocar em destaque.

Parte, então, para perscrutar o significado de se eleger dada coisa como fundo num momento e depois destaca-la como figura, em outro momento. O que pode alterar a configuração do que é percebido, sem, contudo, invalidar a crença na percepção, que pode sempre ser retomada e tornada mais clara?

O que participa desta dialética entre existência e mundo? Como isto está enraizado no ser? Até que ponto a existência se faz entre mecanismos internos e pré-determinações exteriores?

Nesta procura, como Husserl, vai em busca do corpo, mas primeiramente não o faz voltando-se diretamente para o corpo próprio, mas para o corpo descrito pela literatura médica, neurológica.

Dialoga com vários casos relatados de injúria cerebral e procura compreender o significado de suas conseqüências no que se refere à percepção e ao comportamento do ser diante do mundo, em correlação com a percepção e comportamento do indivíduo dito normal.

É interessante porque nesta sua compreensão sai da Filosofia como ato reflexivo e vai "à coisa mesma" (usando-se aqui uma terminologia de Husserl).

Aqui parece que distúrbios – comportamentos e percepção, são colocados entre parênteses – isto é são destacados, compreendidos em suas variações, buscando-se encontrar um sentido invariante que mostre-se significativo, procurando-se deixá-los variar em sua inteireza sem que se interponha alguma teoria pré-determinada.

Apreende nesta variação que as regiões cerebrais tem significado na perda de determinadas formas de lidar com o mundo, mas que ao mesmo tempo estas não são nem absolutas e nem totalmente pontuais. (MERLEAU-PONTY, 1977)

Uma perda de uma determinada região cerebral especializada não causa a supressão de um movimento, com um determinado membro, ou de uma apreensão sensorial determinada, mas ao contrário dependendo do seu sentido para o funcionamento o todo cerebral pode alterar o funcionamento de outras áreas.

Ao mesmo tempo, pela literatura percebe que certas regiões cerebrais quando passam a não mais existir por um distúrbio, podem ser, em certos casos, substituídas por outras. Hoje, com o avanço dos exames cerebrais, da Neurologia, da Terapia Ocupacional, da Fisioterapia, cremos que isto se torna mais evidente. Algumas regiões na neo-cortex quando perdidas por algum tipo de lesão, podem ser substituídas por outras.

Mas Merleau-Ponty(1977), destaca, entretanto que esta substituição nunca é absoluta, sofre conseqüências não só em relação ao que foi afetado como causar influências sobre outras funções, porque nota que o cérebro não se dá em funcionamentos isolados.

Discorda também durante suas apreensões e descrições que não se pode dizer que o cérebro é indiferenciado. Há correlações e funcionamentos que se entrecruzam, das quais as partes e o todo participam. O todo não transforma, entretanto, as partes, mas as abrange, há uma correlação funcional.

Nota também que não se pode entender a supressão de uma zona cerebral como tendo uma ação prescrita linear e absoluta. Há nas lesões formas de se lidar com o mundo que são alteradas, e não simplesmente coisas ou movimentos em si eliminados.

Para seus estudos destaca em especial um paciente tratado por Goldstein chamado Schneider, que ele irá o tempo todo denominar com Sch. Este será destacado na Estrutura do Comportamento e retomado várias vezes na Fenomenologia da Percepção. Schneider sofreu a ação de um obus na região occipital (esta é a descrição dada por Merleau-Ponty). (MERLEAU-PONTY, 1977 e 1971)

Sch., com isto, teve muitas de suas ações e percepções alteradas. Merleau-Ponty debruça-se sobre elas e procura compreendê-las. Ele não é mais capaz, atendendo a uma solicitação, de fingir que faz um dado movimento. Por exemplo, quando se lhe pede que finja que bate numa porta não consegue mais fazê-lo. Mas é capaz de bater na porta do médico antes de entrar.

Caso saia e passe na frente da casa de seu médico, não reconhece a casa, porque não saiu para ir lá. Pode sair para fazer compras, mas não mais para passear. Quando vê numa revista um corpo de mulher nua este não lhe diz nada, não é capaz de sentir nada por este, não o vê mais como a representação do possível. (MERLEAU-PONTY, 1971)

Alguns movimentos que não consegue desempenhar de imediato, é, entretanto, capaz de fazê-los, se antes pensar intelectualmente sobre os movimentos envolvidos na ação.

Desta forma, Merleau-Ponty, tomando outros exemplos que se sucedem, nota que não são tipos de movimentos em si que foram perdidos, assim como seu órgão sexual não foi afetado.

Em todos os casos, o que se repete é a falta de possibilidade do doente de se lançar ao possível, ao virtual, está preso ao imediato.

Sch., na interpretação de Merleau-Ponty, perdeu a possibilidade de fazer projetos, de se lançar ao futuro, de lidar com representações, de imaginar, o que faz parte da vida do ser humano "normal".

É esta grande alteração sofrida por Sch no que se refere à percepção usual. Mas como mostra este não perdeu a capacidade de pensar sobre algo intelectualmente, isto ele o faz, o que não lhe garante um movimento em direção ao não dado, ao possível. Sua vida se transformou na apreensão e num movimento em um mundo prático, de necessidades imediatas.

Isto mostra que o corpo, dotado de aspectos anatômicos, neurológicos oferecem a base, a possibilidade de nosso comportamento. Por outro lado, desvela que estes embora necessários por si só não são suficientes para que se compreenda a nossa ação e percepção diante do mundo. Há uma anatomia, que se manifesta no seu funcionamento onde partes e o todo se correlacionam como numa orquestra em que cada instrumento altera a composição, mas numa ação conjunta inter-relacionada.

Este funcionamento cerebral, em si, não desvela a percepção ou o comportamento, porque estes se dão na troca com o mundo. Aqui sente a necessidade de compreender a ordem humana que vem subsumir todas as outras. Esta ordem humana não aniquila o corpo, mas o subsume numa orquestração que abrange o viver existencial no mundo.

Caso lancemos mão da metáfora da orquestra, talvez possamos dizer que a execução de uma melodia, num dado momento histórico, embasa-se em vários potenciais dados externamente, como por exemplo: a partitura, os músicos, os instrumentos, o maestro...., mas isto forma uma parte do solo no qual a ação se dará e esta ultrapassa estes dados isolados, em si. Estes não podem ser vistos como determinantes, mas como facilitadores. Facilitadores de uma ação humana que se dá e se constitui, sendo, em meio ao já constituído, ao dado como solo e instrumento, e ao possível, que abrange o imaginário, a criação, os sentimentos, as emoções, o conhecimento, a inteligência, a linguagem, os outros, e uma certa expectativa oferecida pela partitura e pelo possível que esta abre, mas não define. A nosso ver é nestas dialéticas, que se vão dando entre o conhecido e o desconhecido, entre o dado e o por criar, entre o esperado e o que se cria, que se dará a possibilidade ou não de uma comunhão entre os músicos e o público que ouve.

Consideramos agora necessário voltarmos a um exemplo relatado várias vezes pelo próprio Merleau-Ponty na Fenomenologia da Percepção e em Estrutura do Comportamento: o caso do membro fantasma. Segundo, sua compreensão o membro fantasma deixa de ser sentido quando o homem que o perdeu passa a se dirigir ao mundo de uma maneira em que este braço não mais o esteja.

Há aqui novamente a participação entre o dado por uma realidade corporal e uma apreensão dentre de um possível percebido pelo ser. O braço perdido não é uma parte em si, ligada apenas a terminações nervosas que continuam a ser sentidas. É muito mais do que isto é uma parte do corpo, ou melhor, é o próprio corpo em direção ao mundo, por meio de projetos apreendidos antes que conhecidos. Não é, portanto, o intelectual, também que fará com o homem não sinta mais o membro fantasma, mas como o seu corpo adquirirá uma nova maneira de ser, de se lançar, com recursos diferentes do conhecido. Não é, também, uma representação inconsciente que lá se projeta e faz com que sinta dor.

Retoma, então, o corpo próprio, ao qual Husserl se refere, não o corpo descrito pelas Ciências, mas o corpo existencial que se comunica com o “ao redor” e o qual será o centro de toda a sua obra e considerado o grande e único acesso ao conhecimento, onde a própria fala e o pensamento são ações corporais .

4. Corpo Próprio e sua Relação Existencial com o Mundo.

Merleau-Ponty passa a buscar compreender o corpo próprio na relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Um corpo próprio, que como se viu, vai se constituindo na relação intencional, subsumindo um corpo fisiológico e anatômico, que não o determina, mas apenas abre possibilidades. É a ação operativa em direção a, que será colocada entre parênteses e descrita.

Ver o objeto é, ou tê-lo à margem do campo visual e poder fixá-lo, ou responder efetivamente a essa solicitação fixando-a. Quando fixo, arraigo-me nele, mas esta ‘parada’ do olhar não é senão uma modalidade de seu movimento; continua no interior de um objeto a exploração que, dentro em pouco, sobrevoa-os todos, de um só movimento fecho a paisagem e abro o objeto. As duas operações não coincidem por acaso; não são as contingências de minha organização corporal, por exemplo, a estrutura de minha retina, que me obrigam a ver o redor hesitante se quero ver o objeto claramente. Mesmo se não soubesse nada de cones e de bastonetes, conceberia ser necessário reduzir o movimento ao redor para melhor ver o objeto e perder profundamente o que se ganha em figura, porque olhar o objeto é mergulhar nele, e perder profundamente o que se ganha em figura, porque olhar o objeto é mergulhar nele, e porque os objetos formam um sistema onde um não pode se mostrar sem esconder outros. Mais precisamente, o horizonte interior de um objeto não pode tornar-se objeto sem que os objetos que lhe cercam tomem-se horizonte e a visão é um ato com duas faces. (MERLEAU-PONTY, 1971, 80-81)

O corpo surge, então, para Merleau-Ponty como estando no mundo, envolvido numa maneira de ser intencional, no sentido Fenomenológico, e a este é que procura desvelar e compreender em sua participação direta na percepção da coisa dada, do outro e de si próprio. Ele é, em meio a um mundo, que se doa e que é apreendido por meio de uma ação operativa. (, não dependente de uma ação intelectual desvinculada deste. Mente e corpo estão aqui integrados e não separados. Há a possibilidade do reflexivo, mas também do pré-reflexivo.) É no pré-reflexivo que ação normalmente se executa, sem que se precise pensar antes de fazê-lo, embora se possa buscar pensar posteriormente por meio de um ato tético.

Merleau-Ponty (1971) diz: Eu sou o meu próprio corpo. Pode-se dizer que por meio deste o homem percebe a si, ao outro, ao mundo e se orienta espacial e temporalmente.

Toda ação humana é corporalmente encamada, isto é não pode se dar desvinculada deste, o corpo é o veículo e solo de qualquer manifestação ou percepção. A fala é um ato motor que se executa ao falar. Da mesma forma dá-se o pensamento.

O próprio corpo vai sendo descortinado por Merleau-Ponty(1971, p. 110), de forma em que é em situação, numa ação operatória dialética em meio ao espaço e ao tempo que não sofre, mas constitui em meio a figuras e fundos. Um novo esquema motor é descrito que se diferencia daquele do empirismo. Na compreensão do corpo, por meio do diálogo com movimentos em situação, mostra-se incompreensível a visão empirista de um esquema corporal formado por associações ou por apreensão de imagens e traços fixados e associados pela ação, sobretudo ao longo da infância.

Aqui retoma o caso do membro fantasma, enfatizando que a explicação dada para esta manifestação como decorrência de resquícios de traços cerebrais, sensações remanescentes, não satisfaz e por isto se sentiu a necessidade de criar-se uma lei de constituição que explicasse a relação do corpo com o tempo e com o espaço: isto é o esquema corporal.

Mas segundo, Merleau-Ponty (1971, p. 110) o próprio nome esquema corporal aponta para a necessidade de se admitir que existiria algo diante do princípio associacionista, que o antecederesse. Onde surge que a unidade espacial e temporal, a unidade inter-sensorial ou unidade sensório-motora do corpo é por direito, não se limita aos conteúdos efetiva e fortuitamente associados no curso da experiência.

Com a Gestalt, o esquema corporal deixa de ser o resultante de associações estabelecidas no curso da experiência, mas passa a ser “uma tomada de consciência global de minha posição no mundo intersensorial, uma ‘forma’ no sentido da psicologia gestaltista.” (MERLEAU-PONTY, 1971. p. 110-1)

Para a Gestalt o mundo é apreendido por meio de formas, onde o próprio esquema corporal que a este se dirige também se constitui de uma maneira dinâmica, não como um conjunto associativo de movimentos fixados ao longo do tempo, mas como forma apreendida em situação..

O sentido desta forma é que precisa ser desvelado, segundo Merleau-Ponty. O corpo próprio dotado de intencionalidade se volta ao mundo e vai apreendendo-o em horizontes que se entrecruzam. A única possibilidade da percepção é apreender o mundo por meio de perspectivas. Os objetos nunca se mostram por inteiro, mas é sempre uma faceta que pode ser apreendida de cada vez enquanto que outras se voltam a outros objetos.

São nestes jogos de inter-relações que as percepções vão se dando numa organização entre fundos e figuras. Mas estas para assim se destacarem precisam ser fixadas por quem a observa. A explicação da atenção, como um simples focar ao acaso, não é suficiente. Assim como não o é uma escolha reflexiva, intelectual, do que deverá ser destacado.

Merleau-Ponty dá o exemplo da pessoa que olha da janela do trem em movimento e vê a paisagem correndo apressadamente. Quando, entretanto, fixa seu o olhar na paisagem percebe que é o trem que segue seu trajeto velozmente.

Deu-se aqui uma alteração quanto à eleição do que é figura e do que é fundo. Mas não uma alteração aleatória, o que mudou foi o direcionamento do Ser, a paisagem que corria aleatória, despercebida, passa a ser o foco de atenção. Algo significativo despertou-o para que a paisagem passasse a ser o centro do observado.

O horizonte ou o fundo não se estenderiam além da figura ou de suas imediações se não pertencessem ao mesmo gênero de ser que ela e se não pudessem ser convertidos em pontos por um movimento do olhar. Mas a estrutura ponto-horizonte só pode me ensinar o que é um ponto, dispondo antes dele a zona de corporeidade de onde será visto e, em torno dele, os horizontes indeterminados que são a contrapartida desta visão. A multiplicidade de pontos ou dos 'aqui' só pode por princípio se constituir por meio de um encadeamento de experiências em que um só dentre eles é dado de cada vez, como objeto e se fazendo ela própria no coração deste espaço. E, finalmente, longe de meu corpo só ser para mim um fragmento do espaço, não haveria mais para mim espaço se um não tivesse corpo. (MERLEAU-PONTY, 1971, p.113.

Merleau-Ponty (1971) enfatiza que eu sou meu corpo próprio. É um corpo que vivencia e se orienta em meio ao espaço e ao tempo, que o habita e age voltado para realização de tarefas. Há sempre um direcionamento intencional, não no sentido racional, mas muito mais pré-reflexivo. O homem age e percebe a fisionomia do que se lhe apresenta, em meio a significados que podem ser apreendidos numa correlação com o já dado e o que se lhe apresenta. É sempre uma operação que se dá diante do mundo.

Outro exemplo significativo, dado por este pensador, é a do espelho colocado obliquamente num quarto. O indivíduo, ao entrar, ao olhar rapidamente no espelho, percebe-se de forma distorcida, mas ao fixar-se no quarto conhecido logo vê-se em posição normal.

É ao se situar no quarto como um pessoa em situação, com um corpo próprio capaz de ação, que a este se volta e o percebe numa posição dada que engloba o lugar e o espelho em posição oblíqua.

É o corpo próprio que em movimento vai percebendo as suas relações com as coisas, com os outros, assim como apreendendo as posições relacionais entre objetos (ex. acima, em baixo, sobre, sob, do lado direito, do lado esquerdo...). Vai organizando o mundo em figuras, em fundos, vai estabelecendo recortes por meio de horizontes que se configuram a cada momento.

Mas estes momentos não são unidades que se constituem isoladamente. Da mesma forma como a figura só o é, porque está em meio a um fundo, o presente corresponde a uma síntese presuntiva, que engloba o passado e o futuro. O passado para Merleau-Ponty, entretanto, não significa uma somatória de "agoras", mas é algo que pode ser a cada momento retomado pelo presente e com ele formar uma nova configuração.

Destaca que em uma casa quando um bebê nasce esta irá adquirir uma nova feição, que será formada por este novo ser. A partir de seu nascimento o ser começa a constituir este mundo, por meio do qual novas apreensões se darão.

É um mundo dotado de coisas que começam a se mostrar, mas, sobretudo um mundo dotado de objetos e de pessoas que dão nome às coisas e as significam. Merleau-Ponty (1977) destaca que a criança ao começar a se mover presta antes atenção aos objetos usados pelos adultos do que a coisas. Isto mostra como a criança vai percebendo o mundo, vai destacando figuras, por meio das relações afetivas e culturais. Ao mesmo tempo, destaca a linguagem

como tendo um grande valor na organização das coisas. A criança irá também organizar o seu "ao redor" por intermédio do que é dito pelo outro. O nome não é uma forma de associação de dados, voltando-se ao nominalismo, mas é o que desperta a busca por pontos comuns a partir de um dado nome. Exemplo: a palavra cadeira refere-se a vários objetos diferentes entre si em sua aparência, mas ela determina um sentido comum, que é este que será buscado e compreendido pela criança.

Aqui a importância do outro começa a se mostrar. Esta troca com o outro é importante na constituição da percepção e tem como ponto básico a possibilidade da existência do mundo sobre o qual as trocas podem se dar. É um mundo dotado de significações emocionais, afetivas, que começa a ser apontado por Husserl, no mundo-vida, e que constituirá o trabalho de Heidegger, sobretudo em *Ser e Tempo*.

No exemplo, acima o tempo e a relação com o outro se destacam como fundamentais à percepção podemos citar aqui ainda Heidegger ao falar da memória:

Mas se nos voltamos à recuperação do termo memória do grego, feita por Heidegger, veremos que esta idéia se contrapõe totalmente àquela (de memória como traços gravados). A palavra grega Mnemosyne significa Titã, filha do céu e da terra, noiva de Zeus e que em nove noites tornou-se mãe das nove musas. Mnemosyne, denominada por Heidegger a Dama Memória, guarda em seu ventre o drama e a música, a dança e a poesia. Corresponde ao encontro e convergência do pensamento que exige ser pensado antes de qualquer outro e o pensar para trás o que deve ser pensado. A memória é a fonte e solo da poesia, a qual é a água que flui no tempo para trás em direção à fonte, em direção ao pensamento de volta (Heidegger, 1981, apud Rocha, 1983).

Mas o espaço é também fundamental e se entrecruza com o tempo: "a percepção do espaço e a percepção da coisa e seu ser de coisa não são dois problemas distintos". Destaca que Descartes e Kant já haviam mostrado como as determinações espaciais dão a essência do objeto, mas que esta esclarece a percepção do objeto pela percepção do espaço, ao passo que "a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência". (MERLEAU-PONTY, 1971, 159)

O corpo é um "nó de significações vivas" não um conjunto de termos correlacionados e é assim comparado por Merleau-Ponty (1971) a uma obra de arte, antes do que com uma coisa.

Um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres em que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contacto direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 162)

Cita o anosagnóstico que falam do braço como se fosse uma serpente fria, não o consegue encontrar em certas situações, mas é capaz de prendê-lo para não o perceber. Apesar do testemunho de seus sentidos sua percepção do braço é diversa deste. Merleau-Ponty (1971, p. 159) destaca que isto se dá porque "há uma presença ou uma extensão afetivas da qual a espacialidade objetiva não é condição suficiente". Da mesma forma diz que a espacialidade objetiva muitas vezes também não é mesmo condição necessária da percepção como no caso do membro fantasma (onde o indivíduo perdeu o braço e continua a senti-lo).

O Homem com seu corpo se dirige ao mundo e o apreende. Não o constrói do nada, mas se ancora no que é lhe dado, também não sofre passivamente sua ação. Realiza uma constituição do qual participam o dado e o constituído em meio a figuras e fundos que vão se organizando. É a certeza neste mundo que dá a possibilidade da troca intersubjetiva e a abertura do homem não só a objetos da natureza como sobretudo a objetos culturais a partir dos quais cria uma nova dimensão humana.

Merleau-Ponty destaca que a criança passa a distinguir o vermelho do azul porque sua apreensão corporal passa a ser sentida como diferente diante destas. Cada órgão dos sentidos tem uma maneira própria de interrogar o mundo. Mas estes vão se interrelacionando. Destaca que o som modifica uma paisagem ou o movimento de uma cena. Cita ainda o exemplo, de uma pessoa que sob o efeito da mesalina produzida pela flauta seja capaz de ao ouvir dado som, de ver a cor azul esverdeada. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 234) É que aquele dado som é apreendido pelo corpo da mesma maneira que a cor azul. Por isso os vários sentidos se entrelaçam e possibilitam apreensões sempre novas.

Porque o sujeito não diz somente que há ao mesmo tempo um som e uma cor: é o próprio som que ele vê no ponto onde se formam as cores (destaca que esta é uma citação de Werner). Esta fórmula é ao pé da letra desprovida de

sentido se se define a visão pelo *quale* visual, o som pelo *quale* sonoro. Mas concerne a nós construir as definições de encontro uma, pois a visão dos sons ou a audição das cores existem como fenômenos. E não são fenômenos excepcionais. A percepção cinestésica é a regra, e, se nós não a percebemos, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desprendemos de ver, escutar e, geralmente, sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como o pense o físico o que devemos ver, escutar e sentir. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 235)

Mas isto não nega a possibilidade da certeza do apreendido, antes mostra que os sentidos se comunicam entre si abrindo-se à estrutura da coisa dada, assim como a necessidade de se conhecer a ação da percepção. E esta só pode ser perscrutada na operação e não por meio de um ato intelectual desta desvinculada.

5. A Percepção e o Conhecimento.

Como se apreendeu até aqui, o conhecimento só pode se dar por meio da percepção e do corpo próprio, ou melhor corpo encarnado, isto é que se move em situação, numa apreensão e síntese constante em meio ao tempo e ao espaço.

A percepção se constitui em torno não só de objetos da natureza como de objetos da cultura humana e em meio a uma linguagem que oferece um fundo diacrônico sobre a qual a fala e o pensamento vão se dando sincronicamente.

O homem não está fechado em si mesmo, mas tem a capacidade de se comunicar com o outro e estabelecer sentidos comuns e é através do corpo que esta troca também se efetiva, não por meio de uma interpretação intelectual diante de cada ação, mas por uma apreensão e doação de significados, de onde participam sentimentos, emoções...

Para Merleau-Ponty, a própria fala e pensamento se movimentam em direção a um significado e fazem uso de uma linguagem que é adquirida como base, mas não determinante. Enfatiza que não pensamos nas palavras que iremos proferir, de modo geral, antes de falamos, mas ao contrário que se dá uma produção por meio da linguagem incorporada. Fala e pensamento se entrelaçam num direcionamento a. A fala é inteligência e movimento em ação.

(...) a fala não é o 'símbolo' do pensamento, se se entende por isso um fenômeno que anuncia um outro, como a fumaça anuncia o fogo. A fala e o pensamento só admitiriam esta relação exterior se eles fossem tematicamente dados: na verdade eles estão englobados um no outro, o sentido tomado na palavra e a palavra é a existência exterior do sentido. Não podemos mais admitir, como se faz comumente, que a palavra seja um simples meio de fixação, ou ainda o invólucro ou a vestimenta do pensamento. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 192)

É, o pensamento também que se produz sincronicamente oferece a possibilidade do conhecimento. Mas, acompanhando-se o discurso de Merleau-Ponty, este é uma ação corporal e, sobretudo, calcada na intencionalidade. Pode-se dizer que está presente a noesis – o noema e o objeto ao qual se destina o pensamento que originou o noema.

Pela busca do preenchimento que se poderá notar a sua inteireza, ou não. Volta aqui ao Cogito cartesiano e destaca que não se pode ter mais certeza no pensamento do que na ação que o gerou. Husserl dizia que a proposição “penso logo existo” deveria ser substituída por “existo logo penso”. O pensamento é uma forma de existência para Merleau-Ponty.

Deve se estar atento ao preenchimento que se dá no direcionamento ao objeto a que este se destina. A ilusão, como já mencionamos, é admitida por Merleau-Ponty, mas ela aponta ao mesmo tempo para a possibilidade da desilusão.

Há também apreensões incompletas que geram ilusões e precisam ser compreendidas. Dá como exemplo, o homem maduro que procura na jovencinha a mocidade. Vive este amor apenas na periferia de seu ser, não na sua inteireza. Há várias maneiras de nos relacionarmos com o outro de incluirmos os outros em nossos projetos, de forma mais ou menos passageira, onde entram várias formas de abertura, entre estas a sexual, que não é única, mas que se abre às demais e precisa ser compreendida; ; assim como o amor, o ódio, um projeto intelectual, profissional. Em todas as possibilidades de apreensão de uma realidade, de um sentimento, de uma emoção, a ilusão pode se apresentar, assim como o preenchimento verdadeiro.

Dá o exemplo, das possibilidades de um casal que se separa. Isto pode se dar porque o amor era enganoso, neste caso foi uma ilusão que se desfez. Ou pode ter havido a mudança de um dos dois parceiros, neste caso foi um amor que chegou ao fim.

Podemos dizer interpretando a fala de Merleau-Ponty(1971), que houve um tipo de preenchimento nos dois casos, mas que no primeiro caso não foi o amor, pelo menos para um dos parceiros, que foi encontrado, mas outra procura.

Se todo o ser de minha percepção e todo o ser de minha ilusão existe por sua maneira de aparecer, é necessário que a verdade que define uma e a falsidade que define a outra apareçam também para mim. Haverá, pois entre elas uma diferença de estrutura. A percepção verdadeira será simplesmente uma verdadeira percepção. A ilusão não será uma recepção, a certeza deverá se estender da visão ou da sensação como pensamentos à percepção como constituinte de um objeto. A transparência da consciência ocasiona a imanência e a absoluta certeza do objeto. Entretanto é bem próprio da ilusão o não mostrar-se como ilusão, e é necessário que se possa ao perceber um objeto irreal, ou pelo menos perder de vista sua irrealidade; é necessário que haja pelo menos inconsciência da impercepção, que a ilusão não seja o que parece ser e que por uma vez a realidade de uma to de consciência esteja além da aparência. Iremos pois cortar a aparência do objeto? Mas a ruptura uma vez feita é irreparável: a mais clara aparência pode doravante ser enganosa e é desta vez o fenômeno da verdade que se torna impossível. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 299-300).

Para se ter a certeza do conhecimento a percepção também precisa ser inquirida. Mas geralmente há a necessidade de um afastamento após a aproximação. Quando um indivíduo está envolvido numa relação, normalmente não consegue discernir certos detalhes, mesmo que para os outros a sua volta isto seja óbvio. Todos conhecem o exemplo de uma pessoa que por estar apaixonada por outra, não percebe todos os indícios de que esta lhe dá, que não está presente por inteiro naquela relação, mesmo que alguém de fora lhe chame a atenção. Só passa perceber com clareza tudo que se mostrava, depois que o envolvimento chegou ao fim. Neste caso a percepção não se dava por inteiro diante do que se oferecia, era ofuscada pela proximidade. Podemos dizer interpretando tais colocações que o mesmo pode acontecer a um pesquisador, daí a necessidade do afastamento e da busca da compreensão de todas as ligações entre a percepção e o percebido e a apreensão deste percebido.

Aqui é que se coloca a necessidade do que Husserl colocou como a "époché", o colocar "entre parênteses". Mas Merleau-Ponty não se dedica ao conhecimento eidético onde apenas se perscrute a relação noesis e noema, mas valoriza o estudo descritivo da percepção e do corpo como acesso ao mundo, não podendo ser negado, mas antes compreendido.

No que se refere à visão diz que não se pode ter visão sem o pensamento da visão, mas que na se poderia ter o pensamento da visão sem nunca se ter visto. Diz que Descartes não seria Descartes sem a visão. (MERLEAU-PONTY, 1979 b)

Diz não ser mais certo o pensar sobre a coisa do que a própria apreensão desta. Dá como exemplo o caso da histérica que não tem mais certeza sobre a percepção da coisa, do que sobre o seu pensamento sobre esta, porque pensa muitas vezes que sentiu o que não sentiu. Esta não pode mais ser vista, como antigamente, antes de Freud, como uma impostora, porque é a si própria que engana não ao outro. Mas isto não invalida a percepção, antes mostra que não é menos certa que o pensamento, que também é uma apreensão, que precisa ser compreendida e inquirida.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Joaquim de. Prefácio. In: HUSSERL, Edmundo. A Filosofia como Ciência do Rigor. Coimbra (Portugal): Atlântida, 1965.p V a LVIII.
- FRAGATA, Júlio. Problemas da Fenomenologia de Husserl. Braga(Portugal): Cruz, 1962.
- HEIDEGGER, Martin. What is Called Thinking?. Trad. de Glenn Gray. New York (USA): Harper & Row Publishers, 1968.
- HUSSERL, Edmund. A Idéia da Fenomenologia. Trad. de Arthur Mourão. Lisboa (Portugal):Edições 70, 1986.
- _____. A Filosofia como Ciência do Rigor. Trad. de Albin Beau. Coimbra(Portugal):Atlântida, 1965.
- _____. Ideas: General Introduction to Purê Phenomenology. Trad. De Boyce Gibson. London (Inglaterra): Collier, 1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Phénoménologie de la Perception. Paris (França): Gallimard, 1979.
- _____. Résumés de Cours(Collège de France 1952 - 1960). Paris (França): Gallimard, 1968.
- _____. Le Primat de la Perception et se Conséquences Philosophiques. Grenoble (França): Cybara, 1989.
- _____. Fenomenologia da Percepção. Trad. De Reginaldo de Piero. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
- _____. Existence et Dialectique. Paris (França): Press Universitaires de France, 1971 (b)
- _____. La Structure du Comportement. Paris (França): Press Universitaires de France, 1977.
- _____. L'Oeil et l'Esprit. Paris (França): Gallimard, 1979 b
- RICOEUR, Paul. Husserl: An Analysis of His Phenomenology. Trad. De Edward G. Ballard e Lester E. Embree. Evanston (USA): Northwestern University, 1979.
- _____. O Conflito das Interpretações: Ensaio de Hermenêutica. Trad. de Hilton Japiassu.Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- ROCHA, Maria Alice de Castro. Questionando a Aprendizagem. Dissertação (mestrado em Psicologia da Educação). Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1983.
- _____. Um Estudo sobre a Percepção: Merleau-Ponty e Piaget. Tese (doutorado em Psicologia do Escolar). Faculdade de Psicologia. USP, São Paulo,1991.